



DIA 20 DE OUTUBRO DE 1975 ÀS 21 HORAS



QUADRANTE

Galeria de Arte

RUA VENÂNCIO FLORES, 125 • LEBLON • RJ • TEL. 294-0547

Esta é a primeira exposição de Dejaci.

Nasceu em Maceió, em 1946. Inteiramente autodidata, começou a fazer talhas e esculturas há seis anos, aqui no Rio. Nunca havia conseguido, até hoje, reunir um número suficiente de trabalhos para fazer uma exposição. É, portanto, desconhecido do grande público. Sua única credencial é a espontânea qualidade de sua obra, que tem sido, até hoje, toda adquirida por colecionadores, artistas e críticos, como Gilberto Chateaubriand, Carlos Scliar, Roberto Pontual, Altamiro Rocha de Oliveira, Antonio Maia, Paulo Roberto Leal, Mimima Roveda, Osmar Dillon, etc.

DEJACI

Num país pobre de bons escultores, como é o nosso, sobretudo daqueles nascidos da terra, e da terra tirando toda sua força de expressão, daqueles que não seguem os esquemas internacionais da arte, o trabalho dos entalhadores, dos escultores da madeira, deveria merecer um outro enfoque, uma atenção muito maior do que o complacente interesse que até hoje despertou. Existe, é verdade, uma enxurrada de talhas e entalhadores medíocres em todas as feiras, de todas as cidades. Esses não ultrapassaram os limites do artesanato, do mau artesanato. Mas, aqui e ali, desponta o talento de um José Barbosa (Pernambuco), de um G.T.O. (Geraldo Teles de Oliveira, Minas), e poucos mais. Não exitaria em colocar G.T.O. lado a lado com nossos melhores escultores, apesar (ou por causa) de sua maneira totalmente primitiva de se expressar.

Agora, praticamente desconhecido do público, surge um novo valor: Dejaci.

Dejaci, e seu trabalho, nasceram da terra, como as árvores, essas árvores, que, depois de mortas, voltam a viver transfiguradas em esculturas, rudes na sua ingenuidade, fortes em seu expressionismo caboclo, ancestrais e repletas de arquétipos que nos reportam aos

princípios da história do homem.

Que estranha força impulsionou esse pequeno homem rústico a criar figuras que poderiam fazer parte de baixo-relevos Maias, ou cerâmicas Etruscas?

E que o fez largar a nordestina boléia dos caminhões onde trabalhava como ajudante de motorista, para escavar troncos de árvore, de onde surge todo um mundo de formas do inconsciente coletivo amontoando-se em bizarro espanto?

Que estranha força têm os seus santos, que poderiam estar em nichos de catedrais românicas ou góticas? E os pássaros, que pousariam nos ombros de bruxas medievais?

Dejaci, ao folhear o primeiro livro de arte de que viu, maravilhou-se com os profetas de Congonhas e quiz conhecer o Aleijadinho. Ficou muito desorientado ao saber que ele havia morrido há muito, muito tempo, mas suas esculturas estavam cadá vez mais vivas.

Há seis anos sigo o trabalho de Dejaci. Vi seu começo, e acreditei que dali poderia surgir um de nossos melhores, mais originais entalhadores.

Que a poluição da cultura não o sufoque — são os meus votos.

OSMAR DILLON - Setembro, 1975

